

## DESTAQUE



# DAS VICISSITUDES DO SUJEITO

**Norma Discini\***

## VOLTEIOS

**É** porque tomo emprestado o vôo do passarinho que enceto estas páginas para a revista *Todas as Letras*, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Assim sobrevôo os telhados centenários, toco com uma das asas o alto das paredes de tijolo à vista, pouso por instantes junto a um dos vitrais da biblioteca central. A luz crepuscular mistura-se à aurora renovada. Borram-se limites do que foi, do que é, do que será. Afinal, o que é o tempo tripartido em *presente, passado e futuro* senão mero arbítrio humano? Nos volteios espiralados entre o ontem, o hoje e o amanhã, permanece a presença: Mackenzie.

Um dia, com nanquim, essa casa traçou a rota do dever à professora recém-aposentada da rede oficial do Ensino Fundamental e Médio do Estado de São Paulo. Iria flunar linearmente naquele reinício de vida a mulher? Engano. Passou a dar aulas no Mackenzie: era preciso cumprir horários; era preciso falar; era preciso ser ouvida; era preciso estudar volapuque, no dizer de Drummond. Instauravam-se deveres, acompanhados de desafios. O que vale é que, enquanto se prescreviam limites, o sujeito mais e mais era esboçado segundo a própria falta; mais e mais era delineado segundo a própria utopia; mais e mais era configurado segundo as próprias contradições; mais e mais se reconhecia a si como sujeito em construção.

Verdadeiramente a docência aí desenvolvida, seja no Ensino Médio seja na Faculdade de Letras, apresenta-se como um dos relevantes feixes de vozes que atravessam este sujeito na intersubjetividade que o constitui. Não somos todos heterogeneamente constituídos? Não se dá o centro somente em relação ao não-centro? Não se compõe o *eu* somente no cotejo com o *outro*? Por isso meu discurso, inevitavelmente responsivo, inicia-se aqui por meio da assunção de

\* Professora do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
E-mail: normade@uol.com.br.

uma das faces da alteridade que me atravessa. Ao identificar a casa que habitei, aproprio-me da orientação dialógica do meu ser no mundo. Diz Bakhtin (1988b, p. 88):

*Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível.*

## TEORIA

Dando progressão às reflexões de cunho autobiográfico, falo um pouco de minha pesquisa. Profilei-me aos estudos da linguagem, na busca da explicação para o que jamais está pronto e acabado e também na tentativa de descrição do que é dado na ordem da opacidade, já que vinculado ao jogo do parecer/ ser: o sentido – dos textos, logo, do mundo. Pus-me a examinar os mecanismos de construção do sentido, para entender a imagem do autor, entendido como o enunciadador sempre pressuposto aos próprios textos. Dediquei-me então aos estudos semióticos de tradição greimasiana que, herdeiros de Saussure e de Hjelmslev, permitem pensar o signo como meio de apreensão da realidade: percebemos o que nomeamos; passa a ter existência para nós aquilo que é nomeado por nós.

Parto do princípio de que o texto é um signo. Assim concebido, o texto é considerado como união de um plano da expressão com um plano do conteúdo. Plano da expressão e plano do conteúdo respaldam-se ambos por uma rede de relações internas, que é a sustentação, a estrutura, a forma do sentido. A tradição teórica a que me filio oferece ao analista um instrumento metodológico para reconstruir o plano do conteúdo dos textos: o percurso gerativo do sentido, por meio do qual se examinam os níveis profundo, narrativo e discursivo. Essa descrição, tida como imanente, volta-se para o texto desbastado de sua materialidade, sem, entretanto, deixar de examinar o plano da expressão em suas variadas substâncias, verbal e não-verbal, as quais podem estar sincretizadas sob uma única enunciação. Para lembrar um texto sincrético, pensamos em filmes, em histórias em quadrinhos, em charges, entre outros.

Algirdas Julien Greimas, cujo discurso orienta as pesquisas semióticas aqui consideradas, um dia afirmou que “fora do texto não há saída”. Respeitar tal asserção, feita em consonância com o princípio de empirismo e de exaustividade de análise, mantém afastados os riscos de psicologismo e de intuitivismo interpretativos. Viabiliza-se a explicação do como e do porquê daquilo que é dito, enquanto se articula o enunciado ao ato de dizer, à enunciação. Ao cotejar o enunciado na relação com suas condições de produção, recupera-se a transcendência histórica, não apesar da orientação imanentista, mas justamente por meio dela.

Importa registrar a instância enunciativa como práxis socioletal e idioletal, lembrando que o idioleto supõe o socioleto. O ir-e-vir do sujeito reproduz formações ideológicas dadas por meio dos temas e figuras do discurso, reunidos, tais temas e figuras, sob determinado sistema de restrições semânticas, como pede a totalidade discursiva examinada. Importa também registrar que a enunciação, ao reunir as condições de produção do enunciado, viabiliza o próprio enunciado como signo ideológico e confirma o sujeito como único e duplo. O individual somente significa por ser social, está sugerido nesta citação de Bakhtin (1988a, p. 58):

*O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico. Esta é a razão por que o conteúdo do psiquismo “individual” é, por natureza, tão social quanto a ideologia e, por sua vez, a própria etapa em que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e dos direitos que lhe pertencem é ideológica, histórica, e internamente condicionada por fatores sociológicos.*

Uma leitura ligeira da máxima greimasiana referida anteriormente pode entender que a semiótica trata o texto como um signo fechado em si. Entretanto, temos à mão uma teoria de fundamento narrativo, discursivo e interdiscursivo, o que possibilita sua colocação sob a perspectiva dialógica da linguagem, tal como proposta pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin. Assim o texto é examinado como materialização de determinada práxis enunciativa, entendida essa como o ir-e-vir do sujeito entre o próprio texto e o mundo. Tal práxis se confirma no discurso, por meio de escolhas feitas pelo enunciador, tais como o recorte de temas e figuras, vinculado aos “recursos de persuasão utilizados pelo enunciador para manipular o enunciatário”, tomando para nós palavras de Barros (2002, p. 72).

Sobre os temas, afirma-se que se apresentam como conceitos e que recortam simbolicamente a realidade. Os temas reconstróem o mundo, sob a interpretação de um sujeito submetido ao ideário de formações sociais. Para isso, são lexicalizados por meio de um grau maior de abstração, se comparados às figuras. Os temas, investidos de valor positivo (eufórico) ou negativo (disfórico), consolidam visões de mundo ao sustentar conceitualmente as figuras.

A reiteração dos temas e figuras ao longo do discurso denomina-se isotopia. A isotopia temática e figurativa de uma totalidade de discursos remete a um modo próprio e recorrente de categorizar e ordenar o mundo, ou a esquemas conceituais, que organizam visões de mundo. Temas e figuras euforizados ou disforizados remetem às restrições estabelecidas pela semântica de uma totalidade discursiva. Desse modo podem ser pensados discursos que, desenvolvidos a partir dos mesmos temas e figuras, revelam visões de mundo opostas, já que fundadas em axiologizações contrárias de valores.

Um sistema de representações, de normas, de regras e preceitos, que procuram não só explicar a realidade como regular o comportamentos dos homens, norteia o sujeito dado como presença nos discursos. Esses sistemas são feixes de imagens das coisas e dos homens e, criados por uma ideologia dominante, sustentam-se graças às instituições e aos meios de comunicação de massa. Esses sistemas, internalizados como verdades universais e não como crenças criadas pelo homem, representam interesses políticos e econômicos dominantes em uma época. Assim as formações ideológicas, ao ditarem o que pensar, o que sentir, o que fazer, governam discursos, em que se materializam por meio não apenas do recorte temático e figurativo do mundo, mas também pelo modo de tratar os temas e as figuras.

Ao ser designada a formação ideológica, fala-se em formação, porque é considerado um conjunto sistemático de idéias e valores; porque é pensado um corpo lógico e coerente de representações; porque é reconhecido um sistema estável de interpretações; porque são lembradas regularidades de procedimentos; porque é concebido um conjunto organizado de prescrições e normas, con-

junto que dita deveres, querereres, poderes e saberes a indivíduos, assim arrebanhados e assujeitados pelos interesses das “classes sociais em conflito umas com as outras”. Dizem Pêcheux; Fuchs (1975, p. 10) que “cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são individuais nem universais, mas dizem respeito, mais ou menos diretamente, às posições de classes em conflito umas com as outras”.

A propósito, as representações, que embasam formações ideológicas, são simbólicas, ou seja, resultam de operações conceituais próprias ao homem, tido como sujeito linguageiro; sujeito feito na e pela linguagem. “O homem inventa e compreende símbolos; o animal, não”, diz Benveniste (1995, p. 29) ao alertar para o fato de que “o animal exprime as suas emoções, mas não pode nomeá-las”. Essas representações, advindas de classes sociais em confronto, como foi dito, remetem aos estilos de vida reprodutores de gostos e hábitos que dizem respeito ao poder econômico e, assim, perpetuam o aparato simbólico que acaba por configurar-se como a única forma de pensar: o modo de pensar dominante. Essas representações confirmam determinada ideologia ou “a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social”, que é como Fiorin (1988, p. 29) define a própria ideologia. Importa registrar que tais representações respaldam a práxis enunciativa. Não custa sintetizar com Chauí (1984, p. 113) a própria concepção de ideologia:

*A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer.*

## CHARGE

Para entender a práxis enunciativa que orienta a construção do sentido no texto e, portanto, a consolidação de determinado sistema de valores, atentemos para algumas figuras e para alguns temas da charge reproduzida ao final deste texto e já trabalhada em estudo realizado com fins didáticos (cf. DISCINI, 2005, p. 270-272). Das figuras, observemos primeiro as visuais, depois as verbais. Entre as primeiras, destacam-se: a) “marido bom”, que significa por oposição à figura de marido ruim e apresenta o conceito de marido bom associado àquele que dá ricos presentes e marido ruim associado àquele que não dá ricos presentes; b) “esposa rainha”, associada àquele que recebe ricos presentes do marido, significa por oposição à esposa comum, associada àquele que não recebe ricos presentes. Entre as visuais, destacam-se as figuras sustentadas por meio da exacerbação do gosto do luxo, entre as quais estão: a) as luvas usadas pelas interlocutoras, b) o desenho de reunião de duas letras e c) uma das quais em posição invertida, resultando em um x manuscrito, homologado à sigla Coco Chanel (*griffe* internacional); os óculos chamativos; a bolsa LV (Louis Vuitton) (outra *griffe* internacional). Entre as visuais, destacam-se também as figuras sustentadas pelo tema do alto astral obrigatório: a) o sorriso largo desenhado hiperbolicamente para expressão facial, b) o gesto das mãos e dos dedos, na verticalidade para o alto, representando o entusiasmo da interlocutora

Atentemos agora para os encadeamentos temáticos vinculados a esses atores do enunciado: a) a felicidade proporcionada pelo dinheiro; b) a “tesaurida-

de” como definição dos maridos generosos; c) o requinte do gosto do luxo; d) a realização da mulher em decorrência de agrados concedidos; e) a intimidade partilhada entre amigas; f) as conquistas amorosas.

Acontece que tais temas, dados como ponto de vista dos atores do enunciado, são invertidos à luz da derrisão, que os toma como alvo. O sujeito da enunciação usa argumentativamente os atores do enunciado para desenvolver a crítica social, que é o tom definitivo da charge. São, portanto, redefinidos semanticamente temas e figuras, sob um outro e divergente ponto de vista. Figuras-chave, como tesouro e patrocinador, ou seja, tesouro, porque patrocinador, euforizadas na voz da mulher como virtudes, são ressemantizadas como vício pela enunciação. A acepção mercadológica e empresarial, própria ao léxico “patrocinador”, é repugnada pela enunciação que nomeia as interlocutoras por meio da figura das *superadas*. O enunciador repudia e faz repudiar o conceito de “patrocinador” aliado ao conceito de bom marido.

Por meio do olhar analítico que privilegiou os procedimentos de tematização e de figurativização, é possível confirmar determinado sistema de regras definitórias da especificidade da enunciação. Apresenta-se o sujeito cotejado com o outro, este que é negado no mesmo, como exercício de tradução recíproca. Uma figura-chave como “patrocinador”, levada ao repúdio pelo sarcasmo, aparecerá euforizada em outra rede de restrições semânticas, o que caracterizará filiação a outras formações discursivas. Por conseguinte, “patrocinador” se dá a exame não como constituinte da lista de figuras escolhidas; “a felicidade proporcionada pelo dinheiro” se dá a exame não como constituinte da lista de temas escolhidos. Figuras e temas interessam como elementos comprobatórios do sistema de restrições semânticas, o qual constitui o filtro ideológico do discurso. Lembremos Mainueneau (2005, p. 22) que, ao explicar a interação semântica entre os discursos, assim se expressa:

*O caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de interincompreensão regrada. Cada um introduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma do “simulacro” que dele constrói.*

Entendido o simulacro como a imagem regida pela crença e voltada ao parecer do ser de um sujeito, vemos que figuras e temas, entrelaçados em determinada formação discursiva, definem a imagem de quem diz como um modo de presença no mundo. Na charge, temos os temas da “tesauridade” dos maridos generosos e da gratidão pelo requinte material proporcionado por outrem, dados como ponto de vista dos atores do enunciado e invertidos à luz da ironia, que os toma como alvo. Esses mesmos temas podem ser adotados eticamente por discursos antagônicos ao da charge. Não custa lembrar certas revistas de amenidades, em que tais temas, juntamente com figuras-chave como *patrocinador*, sofrerão tratamento oposto, em conformidade com outro universo de valores.

Vale acrescentar que, ao procurar trazer para a observação o direito e o avesso dos enunciados, incorpora-se a práxis enunciativa não só como lugar de confronto entre o eu e o outro, mas também como a dimensão em que “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos”, retomando Bakhtin (1988a, p. 32). Ao denunciar seu avesso, a charge apresenta seu direito, que reúne as crenças e ideais acolhidos como sistema de representações. Apresentam-se então como da ordem do repudiável: a) a importância obsessiva dada a bens materiais;

b) a naturalização de papéis sociais estereotipados (homem sustenta mulher); c) a superficialidade das aspirações femininas em determinados segmentos sociais; d) a venalidade, que submete o sujeito; e) o interesse, que corrompe as relações sociais; f) a sujeição aos prazeres do consumo; g) a importância do poder econômico como base de prestígio social; h) a imposição do alto astral como regra de vida; i) a alienação do sujeito diante de contradições. Se tomarmos mais de um exemplar da mesma charge *Maitena/Superadas*, publicada no mesmo jornal, teremos determinada motivação que orienta a imagem-fim do sujeito pressuposto à totalidade. Teremos um *ethos*. Voltaremos a essa questão.



Fonte: Folha de S. Paulo, 4.4.2004, p. E12

## REPORTAGEM

Por ora tomemos um trecho de reportagem da revista *Caras*, publicação da Editora Abril. Ao apontar para atores que exercem os mesmos papéis dos bem-sucedidos, porque endinheirados, a necrose actorial apresentada por essa revista é de tal modo acentuada que ler um exemplar de 16 de julho de 1999, tal como é a data da reportagem apresentada, ou ler a revista da última semana redundaria nos mesmos efeitos de sentido:

*Tudo em que Wilma investe dá certo. Seus negócios lhe trouxeram bons resultados e lhe permitem alguns requintes. Ela tem em sua garagem um BMW branco e um Mercedes-Benz C-36 prateado. Escolhe as roupas de acordo com a cor do carro. “Não ganhei dinheiro em loteria nem roubando e sim com meu trabalho”, enfatiza, fazendo ressaltar a honestidade de sua fortuna. Em outubro, ela inaugurará o Caffè Apache, no Soho, em Nova York. Em Brasília, é dona do Sétima Arte Cafê, de uma empresa de segurança e de vários imóveis. Os maiores lucros, no entanto, vêm dos investimentos que faz em fundos de renda fixa. “Tenho experiência na área financeira. Fui caixa de banco e nos anos de superinflação fazia bons negócios para meus clientes.”*

Nas figuras do funcionário subalterno, o caixa de banco, que se transforma em megaempresário, está representado o percurso narrativo de um sujeito que passa da disjunção à conjunção com a riqueza, num programa de aquisição reflexiva do objeto de valor. Assim se fundamenta a estereotipia imaginária do trajeto do sucesso individual, ou de quem teve a competência para, cumprindo o dever do pequeno empregado da estrutura burocrática de uma empresa, aprender a fazer investimentos rendosos para si mesmo. Está aí emblematicamente a cena enunciativa do eterno domingo feliz, recorrente no olhar que constrói apenas o topo da hierarquia social, preenchido, esse, por atores cristalizados com o obrigatoriamente mesmo “estado de alma”. Está aí a figurativização da formação discursiva que fala pela revista, propondo a ascensão social como competência de um sujeito que, para “subir na vida”, deve saber e querer simplesmente, pois é apenas daí que adviria o poder. Recorrentemente premiado, esse sujeito pode e deve “rir à toa”.

Por meio de figuras confirmadoras da opulência, relacionadas a um saber fazer dinheiro, pressuponte de um poder discursivizado como dom, detido por alguns poucos privilegiados, implícita-se no enunciado, como argumento de autoridade a constituir os próprios atores, a posse dos bens materiais e o sucesso. Assim legitimam-se lugares de quem fala e de quem escuta; de quem faz-fazer e de quem faz; isso, semana após semana, nessa totalidade corporificada no estilo *Caras*. Reflete-se e refrata-se dessa maneira um corpo ideológico construído, no discurso, por voz tautológica que afirma ser o dinheiro base do sucesso; e o sucesso, base para ter dinheiro. O mais, carrões, por exemplo, vêm no rastro das glórias.

É essa visão de mundo, não só de uma classe social dominante, que pode, deve, quer e sabe viver com seus caprichos, mas também de uma classe dominada, que, contentando-se com o partilhamento cognitivo e emocional do sucesso de Wilma, conquistados na efemeridade da leitura semanal de *Caras*, reproduz tais valores e os elege imaginariamente para si. Legitimam-se tais fazeres da fortuna e dos afortunados por meio de uma práxis enunciativa dada segundo “o estereótipo do estereótipo, conseqüência da cristalização de núcleos temáticos e figurativos da totalidade discursiva examinada, a revista *Caras*”, tal como está explicitado em estudo já realizado (DISCINI, 2004, p. 232).

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Notamos que as formações ideológicas fundadoras da charge, confrontantes com as que respaldam a reportagem citada de *Caras*, materializam-se em formações discursivas que reúnem pontos de vista opostos sobre temas e figuras aparentemente afins: as delícias do sucesso; o sucesso articulado ao dinheiro; a mulher afortunada, porque rica etc. De acordo com o sistema de restrições semânticas, desvelam-se, no plano do conteúdo dos textos, onde se aloja o discurso, os diferentes pontos de vista que constroem diferentes mundos. Desvela-se a montanha como lugar bucólico de encontros amorosos, como lugar de exploração de minério, ou ainda como lugar em que se instala o medo das alturas, aproveitando agora uma metáfora de Chauí (1984, p. 16-17). Esse desvelamento é mediado pela práxis enunciativa, dada ela própria como determinado sistema de percepções de um sujeito diante do mundo. De cada um dos enunciados, a charge de Maitena e a reportagem de *Caras*, depreende-se uma

cenografia própria que, pressuposta ao texto, legitima-o, enquanto é por ele legitimada. Um tom de voz mais polifônico é depreensível do discurso que permite à enunciação negar o que o enunciado afirma, o que resulta na ironia, tal como se dá na charge. Um tom de voz com efeito de monofonia, dado segundo a certeza, constrói para o sujeito o simulacro daquele que não duvida nem faz duvidar; daquele que crê tudo poder fazer e que tudo faz: no enunciado e, concomitante, na enunciação de *Caras*. Por isso “se abafam as vozes dos percursos em conflito”, como diz Barros (1994, p. 6). Por isso se promove a cristalização de núcleos temáticos e figurativos.

A práxis enunciativa, observada numa totalidade de discursos, funda o estilo. *O estilo é o homem*, disse Buffon. Também examinamos o estilo como o *homem*, concebido, esse, como o sujeito sempre pressuposto aos textos e como um modo recorrente de dizer, que remete a um modo próprio de ser: um efeito de sujeito, dado segundo um corpo, uma voz, um tom de voz e um caráter. Sob a perspectiva discursiva, recupera-se para o estilo a noção aristotélica de *ethos*. Estilo é então explicado como a imagem de quem diz dada pelo modo de dizer, imagem essa depreensível de uma totalidade de enunciados.

Para a noção de totalidade, não custa tomar, com fins ilustrativos, outros gêneros que materializam o discurso midiático. Lembramos então que examinar um editorial de determinado jornal supõe ter à mão todos os editoriais do mesmo jornal, se a atenção estiver voltada para as invariâncias, que respaldam as variações, ou para a forma, que subjaz à substância. O todo está nas partes, também em se tratando de estilo. Se, ainda, tomarmos dois editoriais publicados por dois jornais diferentes, da imprensa de circulação nacional, ao longo de um período determinado, ou duas reportagens, publicadas por duas diferentes revistas semanais, ao longo de um período determinado, poderemos descrever tanto o *ethos* ou o estilo do gênero (editorial, reportagem), como o *ethos* ou o estilo da cena enunciativa: do jornal *a*; do jornal *b*; da revista *a*; da revista *b*. As invariâncias se organizam no plano do conteúdo dos textos, desde as relações mínimas do sentido, passando pela narratividade e chegando ao nível do discurso.

Ao examinar o estilo, falamos de um ator da enunciação, um “Baudelaire”, por exemplo, definido *na* e *pela* “totalidade de seus discursos”, como sugere Greimas (1989, p. 35). Esse ator é examinado não como sujeito ontológico e apriorístico ao discurso, mas como um feixe de representações observáveis segundo mecanismos de construção do sentido, entre os quais ficou aqui destacado o modo próprio de ressemantização dos temas e figuras. O triângulo dêitico, *eu, aqui, agora*, é então considerado sob o sistema de restrições discursivas, para que se considere a dêixis discursiva como o lugar de fundação e de legitimação de um corpo, de uma voz e de um caráter. Na charge e na reportagem comentadas, os lugares de onde falam os sujeitos são causa e conseqüência de dissensão de vozes. A voz de cada texto remete a uma *hexis* corporal, a um corpo que se move de maneira própria em dimensões sociais conflitantes entre si. De cada totalidade de discursos (várias charges de Maitena, várias reportagens da revista *Caras*) depreender-se-á, por meio de outros recursos, para além da tematização e da figurativização, um ator com caráter, voz e tom de voz próprios. Importa que o *outro*, não-mostrado no *um*, mas constitutivo desse *um*, permanece como presença. Por isso o *um* significa. Aliás, vejamos o que diz Bakhtin (1988b, p. 84) sobre uma estilística que não procura a descrição do diálogo constitutivo da obra e do sujeito:



*A estilística encerra cada fenômeno estilístico no contexto monológico de uma dada enunciação autônoma e fechada, como se o aprisionasse num contexto único: ela não pode fazer eco a outras enunciações, não pode realizar seu sentido estilístico em interação com elas, ela é obrigada a exaurir-se no seu contexto fechado.*

Reconstruir o estilo como *ethos* de uma totalidade exige avanço de pesquisa. A noção de estilo, para ser plenamente integrada às teorias do discurso e para ganhar nelas maior operacionalização, cobra muito estudo. Outros desafios se impõem ao sujeito pesquisador, assim posto no mar de vicissitudes.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988a.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1988b.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994.

\_\_\_\_\_. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral*. 4.ed. Trad. Maria da Glória Novak et al. Campinas: Pontes, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

GREIMAS, Algirdas J.; COURTÈS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sirio Possenti et al. Curitiba: Criar, 2005.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours. *Langages*, v.37. Paris: Didier-Larousse, 1975.

Revista *Caras*. São Paulo: Editora Abril, 16.6.1999.